

Enfermagem no Manejo da Dor Oncológica: Eficácia das Práticas Integrativas e Complementares<sup>1</sup>

**Nursing in the Management of Oncological Pain: Effectiveness of Integrative and Complementary Practices<sup>1</sup>**

**Nadiny Araújo de Oliveira<sup>2</sup>**

**Pablynne Laleska Carvalho Oliveira<sup>2</sup>**

**Thays Menezes Guimarães Barbosa<sup>3</sup>**

**RESUMO**

**Introdução:** O câncer compreende um conjunto de neoplasias marcadas pelo crescimento celular desordenado, frequentemente associado à dor oncológica decorrente do tumor, de metástases ou de terapias antineoplásicas. Tal dor compromete a qualidade de vida física, emocional e social dos pacientes, exigindo manejo integral. Nesse contexto, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) surgem como estratégias que ampliam as possibilidades terapêuticas e promovem o cuidado humanizado, destacando-se a atuação da enfermagem na sua aplicação e monitoramento. **Objetivos:** Analisar o papel do enfermeiro na avaliação, monitoramento e controle da dor em pacientes oncológicos e analisar a eficácia das PICS utilizadas como estratégia de cuidado no alívio da dor oncológica.

**Metodologia:** Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de abordagem descritiva, do tipo bibliográfico. A coleta de dados foi conduzida a partir das seguintes bases de dados: SciELO, INCA e Google Acadêmico.

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Mais de Ituiutaba FacMais, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, no segundo semestre de 2025 <sup>2</sup>Acadêmico(a) do 10º Período do curso de Enfermagem pela Faculdade Mais de Ituiutaba. E-mail: [nadiny.oliveira@aluno.facmais.edu.br](mailto:nadiny.oliveira@aluno.facmais.edu.br), [pablynne.oliveira@aluno.facmais.edu.br](mailto:pablynne.oliveira@aluno.facmais.edu.br)

<sup>3</sup> Professor(a)-Orientador(a). Especialista em Enfermagem do Trabalho e Saúde Pública. Docente da Faculdade Mais de Ituiutaba. E-mail: [thays.barbosa@facmais.edu.br](mailto:thays.barbosa@facmais.edu.br)

Foram estabelecidos como critérios de inclusão os artigos publicados entre 2018 e 2024, disponíveis na íntegra e redigidos em língua portuguesa, que abordassem de forma direta a temática proposta. **Resultados:** Foram analisados 13 estudos, com predomínio de revisões. Evidenciou-se eficácia das práticas de acupuntura, reiki, massoterapia, yoga, homeopatia e fitoterapia na redução da dor, na diminuição do uso de analgésicos e na melhora do bem-estar e qualidade de vida. O enfermeiro tem papel central na avaliação contínua e na integração segura das PICS ao cuidado e quando associadas ao tratamento convencional, essas práticas contribuem para o equilíbrio biopsicossocial e para um enfrentamento mais humanizado do processo de adoecimento. **Considerações Finais:** As PICS configuram-se como terapias seguras e acessíveis no manejo da dor oncológica. Recomenda-se fortalecer a formação profissional e ampliar sua inserção na prática da enfermagem, promovendo um cuidado integral e humanizado.

**Palavras-chave:** Câncer; Dor oncológica; Enfermagem; Manejo da dor; Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, Cuidado humanizado.

## ABSTRACT

**Introduction:** Cancer comprises a set of neoplasms marked by disordered cell growth, frequently associated with oncological pain resulting from the tumor, metastases, or antineoplastic therapies. Such pain compromises the physical, emotional, and social quality of life of patients, requiring comprehensive management. In this context, Integrative and Complementary Health Practices (PICS) emerge as strategies that broaden therapeutic possibilities and promote humanized care, highlighting the role of nursing in their application and monitoring. **Objectives:** To analyze the role of the nurse in the assessment, monitoring, and control of pain in cancer patients and to analyze the effectiveness of PICS used as a care strategy in relieving oncological pain. **Methodology:** This study is characterized as a qualitative, descriptive, bibliographic research. Data collection was conducted using the following databases: SciELO, INCA, and Google Scholar. The inclusion criteria established were articles published between 2018 and 2024, available in full text and written in Portuguese,

that directly addressed the proposed theme. Results: Thirteen studies were analyzed, predominantly reviews. The effectiveness of acupuncture, reiki, massage therapy, yoga, homeopathy, and phytotherapy practices in reducing pain, decreasing the use of analgesics, and improving well-being and quality of life was evidenced. The nurse plays a central role in the continuous assessment and safe integration of CAM (Complementary and Alternative Medicine) into care, and when associated with conventional treatment, these practices contribute to biopsychosocial balance and a more humanized approach to the illness process. Final Considerations: CAM practices are configured as safe and accessible therapies in the management of oncological pain. It is recommended to strengthen professional training and expand their insertion in nursing practice, promoting comprehensive and humanized care.

**Keywords:** Cancer; Oncological pain; Nursing; Pain management; Integrative and Complementary Health Practices, Humanized Care.

## **INTRODUÇÃO**

O câncer é caracterizado como um conjunto de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento descontrolado de células, com potencial para invadir tecidos e órgãos próximos à área afetada. Em condições normais, as células do corpo crescem, multiplicam-se e, ao final de seu ciclo, morrem de forma programada. No entanto, as células cancerosas não seguem esse ciclo natural: elas continuam se multiplicando de maneira desordenada e não morrem como deveriam. Esse processo gera um acúmulo de células anormais, que pode comprometer o funcionamento dos tecidos e órgãos — sendo o câncer uma manifestação desses distúrbios (INCA, 2020).

O crescimento desordenado das células ocasiona diversas manifestações clínicas, dentre as quais a dor se destaca como uma das mais impactantes para o paciente oncológico. Nesse contexto, a dor pode ter origem no tumor primário, em metástases ou ainda ser decorrente dos tratamentos antineoplásicos, como quimioterapia e radioterapia. Logo, trata-se de um dos sintomas mais prevalentes entre pacientes oncológicos, sendo considerado um dos principais fatores que

comprometem a qualidade de vida nesses indivíduos (Silva; Yoshioka; Salvetti, 2022).

Sendo assim, a atuação da equipe de enfermagem torna-se essencial, uma vez que o manejo adequado da dor exige intervenções que ultrapassam o tratamento medicamentoso e envolvem uma abordagem integral e humanizada do paciente e de sua família. Abrange, também, os tratamentos paliativos que exigem um olhar holístico, tanto sobre o paciente quanto sobre os familiares. Nas últimas décadas, os estudos, as pesquisas, a construção de conhecimento científico, os conceitos e as intervenções voltadas para o manejo da dor crônica em pacientes oncológicos avançaram significativamente (Tavares *et al.*, 2021) e têm assegurado um tratamento mais confortável para os pacientes.

Nesse contexto de avanços no manejo da dor e da valorização do cuidado humanizado, às práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) surgem como estratégias que ampliam e qualificam as possibilidades de atenção aos pacientes oncológicos, ou seja, as PICS ampliam as possibilidades de cuidado no âmbito da saúde, promovem a racionalização das ações e incentivam alternativas inovadoras que contribuem socialmente para o desenvolvimento sustentável das comunidades.

Além disso, fortalecem a participação social, estimulando o engajamento responsável e contínuo de usuários, gestores e profissionais nas diferentes esferas de implementação das políticas públicas, favorecendo também maior resolutividade nos serviços de saúde (Brasil, 2018).

Considerando esse potencial das PICS no cuidado em saúde, o presente estudo busca analisar a atuação do enfermeiro na avaliação, no monitoramento e no controle da dor oncológica, considerando o uso das PICS como estratégia de cuidado, a partir de revisão bibliográfica.

A análise do papel do enfermeiro e da eficácia das terapias integrativas ganha ainda mais relevância, quando se considera a elevada prevalência e o impacto debilitante da dor oncológica na qualidade de vida dos pacientes. O trabalho está, portanto, fundamentado na necessidade de ampliar o olhar para a dor oncológica, que afeta diretamente a qualidade de vida e o bem-estar físico, emocional, social e espiritual do paciente. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS),

cerca de quatro milhões das cinco milhões de pessoas que morrem anualmente em decorrência do câncer sofrem com dor não controlada, revelando um cenário alarmante de sofrimento evitável sendo essencial o desenvolvimento e a implementação de estratégias eficazes de manejo da dor que sejam acessíveis, seguras e humanizadas (Lopes Junior, *et al*, 2020).

Diante disso, surge a questão: Qual a eficácia das terapias complementares e integrativas aplicadas pela enfermagem no alívio da dor em pacientes com câncer? Buscou-se responder essa interrogação a partir dos seguintes objetivos específicos: Analisar o papel do enfermeiro na avaliação, monitoramento e controle da dor em pacientes oncológicos e analisar a eficácia das PICS utilizadas como estratégia de cuidado no alívio da dor oncológica.

## **DESENVOLVIMENTO**

A formação do câncer se inicia com uma célula considerada normal sofrendo mutações genéticas, ou seja, modificações no ácido desoxirribonucleico (DNA) de seus genes. Quando isso ocorre, o material genético alterado passa a transmitir instruções incorretas para o funcionamento celular. Além da influência de agentes cancerígenos ou carcinógenos, as células também podem apresentar mutações espontâneas, que geralmente não comprometem seu desenvolvimento natural. As alterações podem atingir genes específicos, chamados de proto-oncogenes, que ficam inativos em células saudáveis. Quando ativados, os protooncogenes convertem-se em oncogenes, desencadeando o processo de malignização das células, que passam a ser chamadas de malignas (INCA, 2020).

A classificação do câncer pode ser dividida em dois tipos: benigno e maligno. As neoplasias benignas apresentam crescimento lento, ordenado e expansivo. Embora não invadam tecidos vizinhos nem apresentem potencial metastático, podem comprimir órgãos e estruturas adjacentes, causando efeitos locais. Exemplos comuns incluem lipomas, adenomas e miomas. Por outro lado, os tumores malignos apresentam comportamento mais agressivo. Caracterizam-se pelo crescimento rápido e desordenado, com a capacidade de invadir tecidos e órgãos próximos, além de formar metástases em regiões distantes do corpo. Essas características tornam o

câncer maligno mais resistente ao tratamento e com maior risco de evoluir para óbito (INCA, 2020).

A dor exerce um papel de preservação, pois a aversão a essa sensação leva o indivíduo a evitar situações que possam resultar em lesões físicas. Na dor aguda, esse mecanismo atua como proteção, prevenindo a piora de uma lesão recente. Contudo, quando a dor se torna crônica, esse processo pode restringir progressivamente as atividades cotidianas e limitar as interações sociais, afetando de maneira negativa a qualidade de vida e trazendo repercussões nocivas à saúde (Brasil, 2024).

A definição é complementada por 6 notas que incluem a etimologia: 1. A dor é uma experiência pessoal que é influenciada, em diferentes graus, por fatores biológicos, psicológicos e sociais. 2. Dor e nocicepção são noções distintas.

A dor não pode ser determinada exclusivamente pela atividade dos neurônios sensitivos. 3. De acordo com suas vivências, as pessoas aprendem o conceito de dor. 4. O testemunho de uma pessoa sobre uma experiência de dor deve ser valorizado. 5. Embora a dor geralmente tenha um papel adaptativo, ela também pode gerar reações negativas no bem-estar social e psicológico. 6. A descrição verbal é apenas uma das várias formas de expressar a dor; a incapacidade de comunicação não invalida a possibilidade de um ser humano ou um animal sentir dor (DeSantana, *et al.*, 2020).

No contexto oncológico, a dor pode ser dividida entre dor aguda e crônica. A dor aguda pode estar relacionada a intervenções diagnósticas ou terapêuticas, já a dor crônica está diretamente ligada à neoplasia ou ao tratamento antineoplásico (Hcor, 2021). Estima-se que cerca de 55% dos pacientes em tratamento oncológico relatam dor, a qual pode gerar limitações funcionais significativas, além de elevados custos relacionados ao cuidado (Silva; Yoshioka; Salvetti, 2022).

A dor é frequentemente percebida pelos pacientes como um indicativo de progressão da doença, representando uma ameaça à autonomia, à qualidade de vida e à funcionalidade, além de impactar o convívio social e causar sofrimento físico e emocional. Esse sofrimento, por sua vez, repercute também sobre os familiares, gerando implicações emocionais, sociais e financeiras (Izzo *et al.*, 2019).

Dessa forma, o tratamento da dor crônica em pacientes com câncer tem como objetivo principal a melhoria da qualidade de vida, estando diretamente associado a estratégias voltadas à redução do sofrimento, à ampliação da funcionalidade e à reabilitação do paciente (Pereira *et al.*, 2024).

### 1.1 O papel da Enfermagem no manejo da dor oncológica

A avaliação da dor constitui um processo essencial no cuidado em saúde, sobretudo em pacientes oncológicos, em que a dor é um sintoma prevalente e de difícil manejo. Para esse fim, foram desenvolvidos instrumentos específicos, que possibilitam mensurar a intensidade, qualidade e impacto da dor na vida do paciente (Ratto, 2019).

A equipe de enfermagem é frequentemente a responsável por identificar, monitorar, avaliar e comunicar a presença de dor, devendo empregar critérios como intensidade, localização, tipo, início e duração, os quais são essenciais para caracterizar a dor e compreender as possíveis alterações decorrentes dos tratamentos instituídos (Pereira *et al.*, 2024).

Embora não exista uma metodologia universalmente eficaz para avaliação da dor, a literatura recomenda o uso de instrumentos validados e unidimensionais, como:

Quadro 1 : Escala de Dor

Escala Verbal Numérica	O paciente classifica a dor de 0 (sem dor) a 10 (dor máxima). É simples e rápida, mas limitada em idosos, analfabetos e pacientes com déficits cognitivos;
Escala Visual Analogica	Utiliza linha de 10 cm entre “sem dor” e “dor insuportável”. A intensidade é marcada pelo paciente e mensurada em milímetros;
Escala de Faces da Dor	Apresenta expressões faciais que representam intensidades de dor. Indicada para crianças, adultos e pacientes com déficits cognitivos leves;
Escala NIPS	Neonatal Infant Pain Scale destinada a neonatos e crianças até 2 anos. Avalia sinais fisiológicos e comportamentais, com score de 0

	a 7;
Escala FLACC	Analisa cinco parâmetros (face, pernas, atividade, choro e consolabilidade). Indicada para crianças maiores ou pacientes com dificuldades de comunicação;
Escala PAINAD	Voltada para idosos com demência, baseia-se em observação de comportamentos e sinais físicos para estimar a dor;
Escala Comfort Behavior	Indicada para crianças em ventilação mecânica. Avalia comportamentos associados à dor e à adequação da sedação;
BPS-Behavioural Pain Scale	Aplicada em pacientes sedados e em ventilação mecânica. Baseia-se em parâmetros comportamentais;
Escala de RASS	Avalia agitação e nível de sedação em pacientes críticos, auxiliando no ajuste terapêutico

Fonte: Hospital Israelita Albert Einstein, 2023

No contexto do cuidado oncológico, a enfermagem desempenha papel de destaque, participando ativamente desde a avaliação diagnóstica até o tratamento e a reabilitação do paciente. Considerando que muitos desses pacientes convivem com dor crônica, cabe ao enfermeiro avaliá-la de forma sistematizada, reconhecendo-a como um sinal vital passível de mensuração por meio de escalas padronizadas, e não apenas como manifestação subjetiva. Tal abordagem permite o planejamento de estratégias eficazes para o controle da dor. Além disso, o enfermeiro, por permanecer em contato contínuo com o paciente, ocupa posição privilegiada na comunicação com a equipe e com os familiares, favorecendo o cuidado integral (Breda; Souza, 2020).

## 1.2 Terapias complementares e integrativas

As Práticas Integrativas e Complementares (PICS) são abordagens terapêuticas que têm como objetivo prevenir agravos à saúde, bem como promover

e recuperar a saúde. Essas práticas enfatizam a escuta acolhedora, a construção de laços terapêuticos e a conexão entre o ser humano, o meio ambiente e a sociedade. Dessa forma, as PICS fortalecem a integralidade do cuidado, valorizando o indivíduo em sua totalidade, considerando seus aspectos físicos, emocionais e sociais (BRASIL, 2018).

Em março de 2018, o COFEN, por meio de sua página oficial, manifestou apoio à implementação das (PICs) no Brasil, reconhecendo que a adoção dessas terapias no âmbito da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) constitui um avanço no modelo de atenção à saúde, alinhado aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) (Mendes *et al.*, 2018).

No cenário internacional, a Organização Mundial da Saúde (OMS) também reconhece a importância das práticas integrativas como modalidade terapêutica. A OMS instituiu, no final da década de 1970, o Programa de Medicina Tradicional, com o intuito de promover o uso seguro e eficaz das PICs por meio da regulamentação de produtos, práticas e profissionais. No Brasil, esse reconhecimento se fortaleceu com a 8<sup>a</sup> Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, cujo relatório final aprovou a utilização das práticas integrativas, enfatizando o direito do usuário do sistema de saúde à escolha terapêutica de forma democrática (Mendes *et al.*, 2018).

As Práticas Integrativas e Complementares não substituem o tratamento tradicional. Elas são um adicional, um complemento no tratamento e indicadas por profissionais específicos conforme as necessidades de cada caso, porém estudos apontam que a utilização de terapias integrativas pode reduzir a intensidade da dor, minimizar efeitos colaterais dos tratamentos convencionais e melhorar parâmetros de qualidade de vida em pacientes oncológicos, reforçando a importância de seu estudo e aplicação no contexto da enfermagem (BRASIL, 2018).

A implementação das PICs no SUS representa uma mudança de paradigma, promovendo um modelo de atenção à saúde mais integral, humanizado e centrado na pessoa. O foco não está exclusivamente na doença, mas no indivíduo em sua totalidade, incluindo aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais (Ministério da Saúde, 2018).

Conforme o Manual de Implementação de Serviços de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, elaborado pelo Ministério da Saúde (2018), o objetivo principal da incorporação dessas práticas é ampliar o acesso da população a formas diversas de cuidado em saúde, integrando saberes tradicionais e científicos com base em evidências de eficácia e segurança.

A PNPIC contempla diretrizes e responsabilidades institucionais para oferta de serviços e produtos de homeopatia, medicina tradicional chinesa/acupuntura, plantas medicinais e fitoterapia, além de constituir observatórios de medicina antroposófica e termalismo social/crenoterapia. Em março de 2017, a PNPIC foi ampliada em 14 outras práticas a partir da publicação da Portaria GM nº 849/2017, a saber: Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga, totalizando 19 práticas desde março de 2017. Já em 12 de março de 2018, durante a abertura do 1º Congresso Internacional de Práticas Integrativas e Saúde Pública, no Rio de Janeiro, foi anunciada a inserção de 10 novas Práticas Integrativas Complementares (PICS), sendo elas: apiterapia, aromaterapia, bioenergética, constelação, familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, ozonioterapia e terapia de florais. Com as novas práticas, o Sistema Único de Saúde (SUS) passa a ofertar 29 procedimentos à população. As PICS foram institucionalizadas no Sistema Único de Saúde (SUS) por intermédio da PNPIC, aprovada por meio de Portaria GM/MS no 971, de 3 de maio de 2006.

A aplicabilidade das PICs por enfermeiros em instituições públicas de saúde, como hospitais, configura-se como um grande desafio, especialmente pela predominância do modelo biomédico tradicional nesses contextos. Práticas como reiki, shiatsu, acupuntura, fitoterapia, musicoterapia, uso de florais e cromoterapia ainda enfrentam resistência, tanto por parte da gestão hospitalar quanto da própria equipe de saúde. Soma-se a isso o fato de que a formação acadêmico-profissional dos enfermeiros continua fortemente centrada no modelo farmacológico e biomédico, dificultando a inserção efetiva das PICs na prática clínica (Moura Gonçalves, 2020).

A ausência de um modelo assistencial integral contribui para a fragmentação do cuidado ao ser humano, afastando a prática de enfermagem do cuidado centrado na pessoa. Nesse sentido, ressalta-se a importância da sistematização da assistência, com foco na avaliação, controle e registro adequado da dor, a fim de promover a integralidade no atendimento e ampliar o escopo de atuação do enfermeiro no manejo terapêutico do paciente em tratamento da dor (Moura, Gonçalves, 2020).

## METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de abordagem descritiva, do tipo bibliográfico. A pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos a partir da interpretação e análise de significados, permitindo uma reflexão aprofundada sobre a atuação da Enfermagem no contexto do cuidado. Já a abordagem descritiva tem como objetivo apresentar e analisar as características de determinado fenômeno, sem interferir diretamente sobre ele, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre práticas e intervenções relacionadas ao manejo da dor oncológica.

Trata-se de um estudo bibliográfico, realizado por meio da análise de publicações científicas nacionais e internacionais que discutem a atuação da Enfermagem no manejo da dor oncológica, com ênfase na utilização de terapias complementares e integrativas.

A coleta de dados foi conduzida a partir das seguintes bases de dados: SciELO, INCA e Google Acadêmico. Para a busca dos artigos, foram utilizados os descritores: *“Dor Oncológica”*, *“Enfermagem”*, *“Terapias Complementares”*, *“Práticas Integrativas”* e *“Qualidade de Vida”*.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão os artigos publicados entre 2018 e 2024, disponíveis na íntegra e redigidos em língua portuguesa, que abordassem de forma direta a temática proposta. Foram excluídos os estudos com metodologias pouco claras, duplicadas ou que não se relacionavam diretamente ao foco da pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A etapa de análise dos estudos selecionados compreendeu a leitura exploratória, seguida de uma leitura crítica e interpretativa do conteúdo, com o intuito de identificar as principais evidências científicas relacionadas à eficácia das terapias complementares no manejo da dor oncológica e à atuação da enfermagem nesse contexto assistencial.

Entre as produções incluídas na amostra, verificou-se que dois estudos foram publicados no ano de 2018, oito entre os anos de 2020 e 2022, e três em 2024, totalizando treze publicações analisadas.

Essa distribuição temporal evidencia o crescente interesse da comunidade científica pelo tema nos últimos anos, sobretudo no que se refere à incorporação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como estratégias de cuidado voltadas à melhoria da qualidade de vida de pacientes oncológicos.

No que se refere ao delineamento metodológico dos estudos analisados, observou-se o predomínio de pesquisas do tipo revisão, sendo identificadas cinco revisões integrativas e uma revisão narrativa. Além disso, a amostra incluiu um ensaio clínico randomizado, dois estudos de revisão sistemática, um estudo descritivo de série temporal, uma revisão qualitativa, uma revisão de literatura e um artigo de origem internacional. Entre os trabalhos selecionados, verificou-se predominância daqueles que abordam a atuação do enfermeiro e a utilização das práticas integrativas e complementares no contexto do manejo da dor oncológica, destacando a relevância dessa categoria profissional na aplicação e avaliação dessas terapias no cuidado ao paciente com câncer.

Com base na caracterização dos estudos e na identificação das abordagens metodológicas predominantes, foi possível aprofundar a compreensão acerca dos principais eixos temáticos emergentes nas pesquisas analisadas, os quais se concentram no papel do enfermeiro na avaliação, no monitoramento e no controle da dor e na eficácia das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como estratégias de cuidado voltadas ao alívio da dor oncológica.

**Quadro 2**

Autor / Ano	Título	Principais resultados
Garcia <i>et al</i> , 2018	Acupuntura para pacientes internados em um importante centro de tratamento de câncer	O autor conduziu uma pesquisa de campo com 172 pacientes em tratamento oncológico. Dentre esses, 42% responderam ao formulário de avaliação pós-terapia, permitindo a análise dos efeitos obtidos. Os resultados evidenciaram melhora significativa em diversos sintomas, especialmente na dor — que apresentou o maior índice de redução — além de diminuição da ansiedade, fadiga, náusea e sonolência. Esses achados reforçam, de maneira consistente, a efetividade da aplicação dessa terapia em pacientes oncológicos com queixa de dor.
Ruela <i>et al</i> , 2018	Efetividade da acupuntura auricular no tratamento da dor oncológica	Os autores conduziram um estudo randomizado envolvendo 23 pacientes em tratamento quimioterápico, divididos em dois grupos: experimental e placebo. Todos os participantes apresentavam, no início do estudo, intensidade de dor classificada em nível 7 na escala numérica de dor. Ao término da intervenção, observou-se que os indivíduos do grupo experimental, submetidos à terapia por acupuntura, apresentaram redução significativa da dor, com escores variando entre 1 e 2. Em contrapartida, o grupo placebo manteve níveis de dor entre 5 e 6. Além da diminuição da dor, os pacientes do grupo experimental relataram melhora em outros sintomas associados e redução na necessidade de uso diário de analgésicos.
Goldstein, Stefani, Zabka, 2018	Oncologia Integrativa das Práticas Complementares aos	Na pesquisa conduzida pelo autor, foram evidenciadas algumas Práticas Integrativas e

	seus Resultados	Complementares em Saúde (PICS), entre elas a yoga, a meditação, a massoterapia oncológica, a acupuntura e a homeopatia. Os resultados apontaram para a efetividade dessas terapias na redução da dor, da fadiga, do estresse, das náuseas e dos vômitos, demonstrando benefícios significativos na qualidade de vida dos indivíduos. Apesar dos desafios metodológicos frequentemente encontrados no desenvolvimento de estudos sobre o tema, observa-se de forma consistente a eficácia das PICS em sua aplicabilidade clínica.
Pavon <i>et al</i> , 2020	O Papel do Reiki na Redução da Dor Oncológica	Na pesquisa desenvolvida pelo autor, investigou-se a eficácia do Reiki como prática terapêutica voltada para o alívio da dor. Os resultados apontaram que os participantes submetidos à intervenção apresentaram redução significativa da dor, bem como melhora perceptível no bem-estar geral. Tais achados reforçam o potencial do Reiki como uma alternativa complementar de cuidado, especialmente por se tratar de uma técnica não invasiva, de fácil aplicação e baixo custo.
Botelho <i>et al</i> , 2021	Análise prospectiva da terapia homeopática aplicada ao paciente oncológico	A Homeopatia tem se mostrado uma prática complementar relevante, apresentando resultados positivos na melhora e na redução dos sintomas relacionados à progressão do câncer, além de potencializar a eficácia clínica dos tratamentos convencionais. Os autores destacam diversos estudos que evidenciam os benefícios da homeopatia em estágios avançados da doença e na atenuação de reações adversas decorrentes das terapias oncológicas. Em todos os casos analisados, os resultados apontaram para

		uma melhora significativa na qualidade de vida dos pacientes.
Ferreira <i>et al.</i> , 2021	Uso das práticas integrativas e complementares pela enfermagem em pessoas com câncer	Os autores destacaram que a utilização das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) contribui significativamente para a melhoria da qualidade de vida de pacientes oncológicos, proporcionando alívio das dores decorrentes dos tratamentos convencionais e redução dos níveis de estresse associados ao adoecimento. Além disso, observou-se uma diminuição no uso de analgésicos, evidenciando o potencial das PICS como estratégias complementares no cuidado integral ao paciente com câncer.
Cenzi, Ogradowksi, 2022	Relevância do conhecimento da enfermagem acerca das práticas integrativas e complementares no cuidado paliativo	As Práticas Integrativas e Complementares (PICs), segundo os autores, constituem um importante instrumento de fortalecimento do cuidado humanizado. Sua aplicação em pacientes em cuidados paliativos contribui para a ampliação das ações de promoção da saúde, proporcionando efeitos positivos e favorecendo o bem-estar emocional, físico e espiritual. Dessa forma, as PICs desempenham papel relevante na melhoria da qualidade de vida desses pacientes.
Silva, Santana, Barbosa, 2022	O uso da massagem terapêutica para o alívio da dor em pacientes oncológicos	Segundo os autores, a massoterapia tem se mostrado um recurso complementar eficaz no tratamento oncológico, proporcionando conforto significativo aos pacientes e contribuindo para a percepção da redução de sintomas, especialmente da dor. Além disso, favorece o bem-estar físico e emocional, promove o relaxamento e auxilia na diminuição dos níveis de estresse. Essa

		técnica também fortalece o vínculo humanizado entre o paciente e a equipe de enfermagem, qualificando o cuidado e tornando-o mais acolhedor e integral.
Bison de Lima et al, 2022	Cuidados de enfermagem recomendados para avaliação e manejo da dor oncológica	De acordo com os resultados apresentados pelos autores, evidencia-se a relevância da atuação do profissional de enfermagem na avaliação e no manejo da dor. A utilização de instrumentos padronizados, como as escalas de dor, permite uma identificação mais precisa da intensidade e das características do quadro álgico. Além disso, o emprego de protocolos clínicos favorece a acurácia diagnóstica, enquanto a integração entre terapias farmacológicas e intervenções não farmacológicas contribui para um manejo mais abrangente e eficaz da dor, promovendo maior conforto e qualidade de vida ao paciente.
Barbieri et al, 2024	O efeito da terapia Reiki na dor de pacientes oncológicos	Conforme os resultados apresentados pelo autor, o Reiki, por ser uma prática não invasiva e sem efeitos adversos relevantes, mostrou resultados positivos e boa efetividade. Essa técnica favoreceu o bem-estar, o relaxamento físico e emocional e apresentou evidências de seus benefícios, destacando-se como um importante aliado no cuidado e tratamento de pessoas em terapia oncológica.
Borges, 2024	Práticas Integrativas em Pacientes Oncológicos sobre acupuntura e Yoga	De acordo com os resultados apresentados pelo autor, as práticas de acupuntura e yoga demonstraram elevada efetividade quando associadas aos tratamentos convencionais, proporcionando aos pacientes uma sensação

		de bem-estar e contribuindo para a melhora da flexibilidade, da força muscular e da capacidade de concentração.
Pereira, Melo e Silva, 2024	Assistência de Enfermagem na avaliação e Manejo da dor Oncológica	No presente estudo, analisam-se os desafios e as estratégias relacionadas à avaliação, ao controle e ao manejo da dor, com ênfase no conhecimento e nas intervenções empregadas pelos profissionais de saúde. Destaca-se a relevância de um cuidado contínuo e sistematizado, pautado na individualidade de cada paciente e na utilização de protocolos terapêuticos que englobam abordagens farmacológicas e não farmacológicas voltadas para o alívio da dor.

### 1.1 Papel do enfermeiro na avaliação, monitoramento e controle da dor

A análise dos estudos selecionados evidencia que a dor constitui o sintoma mais prevalente e incapacitante entre pacientes oncológicos, exigindo uma assistência de enfermagem pautada na qualificação técnica, na sistematização do cuidado e em uma abordagem integral do paciente. Conforme destacam Pereira, Melo e Silva (2024), a avaliação da dor deve ocorrer de forma contínua e estruturada, com a utilização de instrumentos e protocolos específicos, respeitando as particularidades de cada indivíduo. O manejo da dor demanda a aplicação de intervenções farmacológicas e não farmacológicas, cabendo ao enfermeiro um papel central na identificação, monitoramento e controle da dor, assegurando a efetividade do cuidado e a melhoria da qualidade de vida do paciente.

Bison de Lima *et al* (2022) destacam que a avaliação da dor deve ser realizada de forma abrangente, contemplando não apenas aspectos físicos, mas também psicológicos e sociais. Para tanto, os autores apontam como instrumentos fundamentais a aplicação de escalas validadas, como a Escala Analógica Visual (EAV) e a Escala de Categorias Verbais (ECV), associadas à anamnese detalhada,

ao exame físico minucioso e à abordagem psicossocial e familiar do paciente. No que se refere ao manejo da dor, enfatiza-se a eficácia de protocolos como o AntiPain e a utilização da Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem (CIPE), que contribuem para a padronização das intervenções e para a melhoria dos resultados clínicos e assistenciais.

Estudos como o de Cenzi e Ogradowski (2022) destacam a relevância de incorporar novas abordagens no campo da saúde, destacando o papel fundamental da enfermagem na implementação de práticas inovadoras que promovem um cuidado integral e centrado no paciente, especialmente diante de prognósticos complexos.

Os autores ressaltam as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como estratégias de grande potencial para favorecer o bem-estar físico, emocional e espiritual, ao integrarem diversas terapias que contribuem para a criação de um ambiente terapêutico acolhedor, baseado na confiança e no respeito mútuo entre paciente, familiares e equipe multiprofissional.

De acordo com estudos dos autores Ferreira et al. (2021) ressaltam que a utilização das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) contribui de forma significativa para a qualidade de vida dos pacientes com câncer, trazendo eles alívio das dores decorrentes dos tratamentos convencionais e diminuindo os níveis de estresse associados ao adoecimento. Conforme o estudo, os autores observaram que de acordo com uso das PICS a redução na utilização de analgésicos foi de grande significância, que mostra cada vez mais que as PICS são um grande potencial como estratégias complementares no cuidado integral ao paciente oncológico.

Entende-se que atuação do enfermeiro no contexto das PICS requer sólido embasamento técnico-científico, sensibilidade, empatia e humanização, visto que ele atua como mediador entre o tratamento convencional e as práticas complementares. Desta forma, cabe a esse profissional garantir que as terapias sejam aplicadas de forma segura e integrada ao plano terapêutico do paciente, promovendo uma abordagem centrada na pessoa, visto que o enfermeiro é o profissional responsável pela identificação precoce da dor, pela educação em saúde dirigida ao paciente e à

família, e pelo acompanhamento contínuo dos resultados obtidos.

Assim, a sistematização da assistência de enfermagem, aliada a uma prática humanizada, empática e pautada na escuta ativa, configura-se como um pilar essencial para a qualidade do cuidado e para a melhoria da experiência do paciente oncológico baseada em evidências e pautada na escuta ativa e no cuidado humanizado, contribuindo para um atendimento ético, eficaz e centrado nas necessidades do paciente oncológico, promovendo não apenas o alívio da dor, mas também o fortalecimento do bem-estar físico, emocional e espiritual.

## **1.2 Eficácia das PICS utilizadas como estratégia de cuidado no alívio da dor oncológica**

O Ministério da Saúde reconhece atualmente 29 modalidades de PICS no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS); contudo, estudos indicam que apenas algumas delas apresentam resultados mais consistentes no controle da dor relacionada ao câncer. Entre as práticas mais frequentemente associadas à efetividade nesse contexto destacam-se o Reiki, a Homeopatia, a Massoterapia, a Acupuntura, a Auriculoterapia e o Yoga, as quais demonstram potencial terapêutico tanto na redução da dor quanto na promoção do bem-estar físico e emocional dos pacientes.

Diante do exposto, a acupuntura destaca-se entre as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) mais frequentemente citadas na literatura científica, devido à sua eficácia no manejo da dor oncológica. Essa técnica milenar fundamenta-se na busca pelo equilíbrio energético do organismo, por meio da estimulação de pontos específicos, tradicionalmente conhecidos como meridianos, que promovem respostas fisiológicas capazes de modular o sistema nervoso central e periférico.

Um estudo conduzido em um hospital no Texas, com 172 pacientes submetidos à acupuntura, avaliou a percepção dos participantes antes e após a sessão, por meio de formulários padronizados. Os resultados indicaram que 42% dos pacientes relataram melhora significativa em sintomas como dor, fadiga, ansiedade e náusea após a intervenção (Garcia *et al*, 2018).

Em relação à acupuntura, Garcia et al. (2018), Borges et al. (2024) e Ruela et al. (2018) descrevem-na como uma técnica milenar baseada na estimulação de pontos específicos, frequentemente localizados na orelha. Entre as terapias analisadas, a acupuntura apresentou a maior incidência nos estudos revisados, com diferentes metodologias que corroboram sua eficácia na diminuição da intensidade da dor, na redução do uso de analgésicos e na melhora de sintomas associados, como náuseas, vômitos, fadiga e distúrbios do sono.

Pavon et al. (2020) e Barbieri et al. (2024) destacam a aplicabilidade do Reiki, técnica que utiliza a imposição das mãos com o objetivo de promover o equilíbrio físico, mental e espiritual. Segundo esses autores, a prática tem se mostrado eficaz na redução da dor, da ansiedade, do estresse, da fadiga e de sintomas depressivos.

A terapia complementar Reiki, de origem japonesa, tem como princípio fundamental a canalização de energia vital com o propósito de promover a harmonização entre corpo, mente e espírito, por meio da imposição das mãos. Segundo Barbieri et al. (2024), o Reiki é caracterizado como uma prática não invasiva, relaxante e isenta de efeitos adversos, sendo amplamente utilizada como recurso auxiliar no controle da dor.

Pacientes submetidos à terapia relataram melhora significativa nos níveis de dor, maior sensação de relaxamento e aumento da qualidade de vida. Em um dos estudos analisados pelos autores, observou-se ainda redução da frequência cardíaca, melhora da pressão arterial e da frequência respiratória em situações de ansiedade e medo.

Outra terapia frequentemente mencionada na literatura é o yoga, uma prática que combina técnicas de posturas físicas, controle respiratório, meditação e relaxamento, visando à integração entre corpo e mente. De acordo com Borges (2024), o yoga atua de forma benéfica sobre os sistemas imunológico e nervoso, sendo uma ferramenta eficaz no controle do estresse, na promoção da paz interior e na melhora da flexibilidade, força muscular e concentração, contribui para o alívio da dor, melhora da fadiga e aumento do condicionamento físico, da força e da flexibilidade. No contexto oncológico, o yoga tem se mostrado um importante coadjuvante na adaptação ao tratamento, contribuindo para o bem-estar físico e

emocional, além de favorecer a qualidade de vida dos pacientes.

A homeopatia também se destaca entre as práticas complementares aplicadas ao tratamento oncológico. Botelho *et al.* (2021), em revisão bibliográfica, apontam que essa abordagem auxilia na redução dos efeitos adversos do tratamento convencional, no alívio dos sintomas decorrentes da progressão da doença e na potencialização da resposta clínica. Diversos estudos citados pelos autores evidenciam resultados positivos da homeopatia, inclusive em estágios avançados do câncer, destacando sua contribuição para a melhora da qualidade de vida dos pacientes.

Outra prática citada na literatura é a fitoterapia, definida como o uso terapêutico de plantas medicinais e seus extratos. Conforme Goldstein *et al.* (2018), a fitoterapia apresenta potencial como complemento no tratamento oncológico, aliviando sintomas como náuseas, vômitos e fadiga durante o tratamento, além de favorecer o bem-estar geral do paciente. Apesar dos resultados promissores, os autores destacam que a escassez de ensaios clínicos robustos limita a comprovação científica definitiva da eficácia dessa prática.

A homeopatia também se destaca entre as práticas analisadas. Botelho (2021) aponta que essa terapia tem sido amplamente utilizada para aliviar os efeitos colaterais decorrentes da quimioterapia e da radioterapia, além de contribuir para o equilíbrio emocional e atuar como tratamento complementar à terapia alopática. Assim, observa-se que o uso da homeopatia está associado à melhora global do bem-estar e da qualidade de vida dos pacientes.

Por fim, a massoterapia, considerada uma das técnicas mais antigas entre as práticas integrativas, demonstra efeitos benéficos significativos sobre o sistema nervoso autônomo. Conforme descrito por Silva, Santana e Barbosa (2022), essa terapia promove o relaxamento muscular, reduz o estresse, estimula a circulação sanguínea, melhora a oxigenação tecidual e auxilia na eliminação de toxinas, contribuindo para o equilíbrio energético do organismo, gerando efeitos vasculares, musculares e neurológicos. Tais efeitos resultam em alívio das dores físicas e melhora expressiva da qualidade de vida e sensação de bem-estar físico e emocional para os pacientes oncológicos submetidos a essa intervenção.

De acordo com os achados, conclui-se que a aplicação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), são terapias de baixo custo, não invasivas e isentas de efeitos colaterais significativos, o que reforça seu potencial como estratégias complementares ao tratamento convencional.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa possibilitou uma análise aprofundada sobre a eficácia das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) aplicadas pela enfermagem no alívio da dor em pacientes oncológicos, bem como a compreensão do papel desse profissional na avaliação, monitoramento e controle desse sintoma.

Os achados evidenciam que as PICS configuram-se como estratégias seguras, eficazes e acessíveis no manejo da dor, promovendo benefícios significativos à qualidade de vida e ao bem-estar físico, emocional e espiritual de indivíduos acometidos pelo câncer.

As evidências científicas apontam que terapias como acupuntura, Reiki, massoterapia, yoga, homeopatia e fitoterapia exercem efeitos positivos na redução da dor, na diminuição do estresse e da ansiedade, além de favorecerem a melhora dos estados físico e psicológico. Quando associadas ao tratamento convencional, essas práticas contribuem para o equilíbrio biopsicossocial e para um enfrentamento mais humanizado do processo de adoecimento. Nesse cenário, destaca-se a relevância da atuação da enfermagem, uma vez que o enfermeiro, por sua proximidade contínua com o paciente, assume papel central na aplicação, monitoramento e avaliação da efetividade dessas terapias.

A análise dos estudos revisados reforça que o manejo da dor oncológica requer uma abordagem interdisciplinar e humanizada, na qual o enfermeiro deve aliar conhecimentos técnico-científicos à empatia e à sensibilidade no cuidado. Sua atuação transcende a execução de procedimentos, abrangendo também a escuta qualificada, o acolhimento e a sistematização do cuidado, garantindo que a assistência seja direcionada às necessidades individuais de cada paciente. O uso de instrumentos padronizados para avaliação da dor, aliado à aplicação racional e

segura das PICS, potencializa a eficácia das intervenções e fortalece a autonomia e o conforto do paciente.

Conclui-se, portanto, que as práticas integrativas e complementares aplicadas pela enfermagem apresentam-se como recursos adjuvantes eficazes no controle da dor oncológica. Além de promoverem o alívio sintomático, essas terapias ampliam a percepção do cuidado integral e humanizado, aspecto indispensável à assistência oncológica contemporânea. Ressalta-se, ainda, a importância de fortalecer a formação profissional e as políticas públicas voltadas à institucionalização das PICS nos serviços de saúde, de modo a consolidar uma prática de enfermagem sustentada por evidências científicas, pautada na ética, na integralidade e na promoção do cuidado centrado no paciente.

## REFERÊNCIA

**BARBIERI, C. M.; LIMA, B. S. de; FERREIRA, J. C. e; OLIVEIRA, A. R. de; SILVA, Y. N. C. e; BOBBI, R. M.; CHAVES, V. E.** O efeito da terapia Reiki na dor de pacientes oncológicos: uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Health Review*, [S. I.], v. 7, n. 3, p. e69613, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n3-060. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/69613>. Acessado em: 4 nov. 2025.

**BISON DE LIMA, Analize; DOS SANTOS DE OLIVEIRA, Francini; KOCHENBORGER, Larissa; ROSS, Taís; DRESCH EBERHARDT, Thaís.** Cuidados de enfermagem recomendados para avaliação e manejo da dor oncológica. *Revista Ciência & Humanização do Hospital de Clínicas de Passo Fundo*, Passo Fundo, RS/Brasil, v. 2, n. 2, p. 105–121, 2022. DOI: 10.61085/rechhc.v2i2.120. Disponível em: <https://rechhc.com.br/index.php/rechhc/article/view/120>. Acessado em: 4 nov. 2025.

**BORGES, Pedro Henrique dos Santos.** Práticas integrativas em pacientes oncológicos: uma breve revisão narrativa sobre acupuntura e yoga. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biomedicina) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Ciências Médicas e da Vida, Goiânia, 2024. Acessado em: 27 out. 2025.

**BOTELHO, Bruno José Sarmento; et al.** Análise prospectiva da terapia homeopática aplicada ao paciente oncológico – Uma revisão bibliográfica sistemática do tipo integrativa. *Brazilian Journal of Homeopathic Research*, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/41583>. Acessado em: 31 out. 2025.

**BREDA, K.; SOUZA, M. C. A. de.** Abordagem multiprofissional do paciente

oncológico: revisão da literatura. Revista Pró-UniverSUS, v. 11, n. 2, jul./dez. 2020. Acessado em: 05 maio 2025.

**BRASIL.** Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Acessado em: 30 abr. 2025.

**BRASIL.** Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 56 p. Acessado em: 30 abr. 2025.

**CENZI, Anna Luiza Camargo;** OGRADOWSKI, Karin Rosa Persegona. Relevância do conhecimento da enfermagem acerca das práticas integrativas e complementares no cuidado paliativo: revisão integrativa. Espaço para a Saúde, [S. I.], v. 23, 2022. DOI: 10.22421/1517-7130/es.2022v23.e806. Disponível em: <https://espacoparaesaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/806>. Acessado em: 4 nov. 2025.

**DESANTANA, J. M.** et al. Revised definition of pain after four decades. BrJP, v. 3, n. 3, p. 197–198, jul. 2020. Acessado em: 27 jul. 2025.

**FERREIRA, P. M.;** SOUZA, T. C. de; FREITAS, P. S.; BRESSAN, V. R.; SILVA, L. J. de A.; TERRA, F. de S. Uso das práticas integrativas e complementares pela enfermagem em pessoas com câncer: revisão integrativa. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 1, p. 1841–1858, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n1-150. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/23636>. Acessado em: 4 nov. 2025.

**GARCIA, M. Kay;** COHEN, Lorenzo; SPANO, Michael; SPELMAN, Amy; HASHMI, Yousra; CHAOUL, Alejandro; WEI, Qi; LOPEZ, Gabriel. Inpatient acupuncture at a major cancer center. Integrative Cancer Therapies, v. 17, n. 1, p. 148–152, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1534735416685403>. Acessado em: 26 out. 2025.

**GOLDSTEIN, Carolina Folgierini;** STEFANI, Natasha de Astrogildo; ZABKA, Cristina Furlan. Oncologia integrativa: das práticas complementares aos seus resultados. Acta Médica, v. 39, n. 2, 2018. Acessado em: 29 out. 2025.

**HCOR.** Protocolo de Dor. São Paulo: Hcor – Hospital do Coração, 2021. Disponível em: <https://www.hcor.com.br/area-medica/wp-content/uploads/sites/3/2021/12/Protocolo-de-dor-web.pdf>. Acessado em: 05 maio 2025.

**INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER.** Cuidados paliativos oncológicos: controle da dor. Rio de Janeiro: INCA, 2001. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/manual\\_dor.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/manual_dor.pdf). Acessado em: 26 abr. 2025.

**IZZO, J. M.** et al. The impact of chronic pain on the quality of life and on the functional capacity of cancer patients and their caregivers. Brazilian Journal of Pain,

v. 2, n. 4, p. 336–341, out./dez. 2019. Acessado em: 05 maio 2025.

**LOPES-JÚNIOR, L. C.** et al. Efficacy of the complementary therapies in the management of cancer pain in palliative care: A systematic review. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 28, p. e3377, 2020. Acessado em: 21 set. 2025

**MENDES, D. S.** et al. Benefícios das práticas integrativas e complementares no cuidado de enfermagem. *J Health NPEPS*, v. 4, n. 1, p. 302–318, 2019. Acessado em: 05 maio 2025.

**Ministério da Saúde.** PORTARIA CONJUNTA SAES/SAPS/SECTICS N° 1, DE 22 DE AGOSTO DE 2024. Aprova o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Dor Crônica. Disponível em: <https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/protocolos/dorcronica-1.pdf>. Acessado em: 21 set. 2025.

MOURA, Ana Carolina de Abreu; GONÇALVES, Cíntia Carolina Silva. Práticas integrativas e complementares para alívio ou controle da dor em oncologia. *Revista de Enfermagem Contemporânea*, Salvador, v. 9, n. 1, p. 101–108, abr. 2020. DOI: 10.17267/2317-3378rec.v9i1.2649<sup>OBJ</sup>. Acessado em: 21 set. 2025

**NASCIMENTO, Júlio César Coelho do.** Avaliação da dor em paciente com câncer em cuidados paliativos à luz da literatura. *Saúde & Ciência em Ação – Revista Acadêmica do Instituto de Ciências da Saúde*, v. 3, n. 1, p. 11–24, jan./jul. 2017. Acessado em: 20 set. 2025.

**PAVON, Bruna; GÓES, Leonardo; OLIVEIRA, Gabriele; PIMENTA, Isabella; BENEDITO, Vinicius; DE MEDEIROS, Roberta.** O papel do Reiki na redução da dor oncológica. In: *VII Congresso Médico Universitário São Camilo*, 2019, São Paulo. Anais... São Paulo: Blucher, 2020. v. 6, p. 178–187. DOI: 10.5151/comsuc2019-16. Acessado em: 02 nov. 2025.

**PEREIRA, Erika Cardozo; SOUZA, Geisa Colebrusco de; SCHVEITZER, Mariana Cabral.** Práticas integrativas e complementares ofertadas pela enfermagem na Atenção Primária à Saúde. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. especial 1, p. 152–164, mar. 2022. DOI: 10.1590/0103-11042022E110. Acessado em: 24 out. 2025.

**PEREIRA, G. V.; MELO, M. O.; SILVA, E. R.** Assistência de enfermagem na avaliação e manejo da dor oncológica: revisão integrativa da literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 5, p. 4525–4543, 2024. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.14095>. Acessado em: 05 maio 2025.

**RAJA, S. N.** et al. The revised International Association for the Study of Pain definition of pain: concepts, challenges, and compromises. *Pain*, v. 161, n. 9, p. 1976–1982, 1 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1097/j.pain.0000000000001939>. Acessado em: 05 maio 2025.

**RATTO, Camila Santejo Silveira.** Escalas de avaliação de dor utilizadas em oncologia: revisão sistemática. 2019. 95 f. Tese (Doutorado em Ciências) –

Fundação Antônio Prudente em parceria com a Associação Matogrossense de Combate ao Câncer, São Paulo, 2019. Acessado em: 19 set. 2025.

**RUELA, Ludmila de Oliveira; IUNES, Denise Hollanda; NOGUEIRA, Denismar Alves; GRADIM, Clícia Valim Côrtes.** Efetividade da acupuntura auricular no tratamento da dor oncológica: ensaio clínico randomizado. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 52, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017040503402>. Acessado em: 1 nov. 2025.

**SANTOS, A. T. N.; NASCIMENTO, N. dos S.; ALVES, P. G. J. M.** Efeitos de abordagens não farmacológicas nos sintomas físicos de indivíduos com câncer avançado: revisão sistemática. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 68, n. 2, e-172125, 21 jun. 2022. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/2125>. Acessado em: 3 maio 2025.

**SILVA, B. U.; YOSHIOKA, E. M.; SALVETTI, M. G.** Conhecimento de enfermeiros sobre o manejo da dor oncológica. Revista Brasileira de Cancerologia, v. 68, n. 4, e-072552, 4 out. 2022. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/255>. Acessado em: 30 abr. 2025.

**SILVA, Cláudia Nunes de Medeiros; SANTANA, Iva Pereira; BARBOSA, Ana Patrícia de Queiroz.** O uso da massagem terapêutica para o alívio da dor em pacientes oncológicos: revisão de literatura. Revista Mundi Saúde e Biológicas, Curitiba, v. 7, n. 1, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/8599/1/PRATICAS%20INTEGRATIVAS%20EM%20PACIENTES%20ONCOLÓGICOS.pdf>. Acessado em: 27 out. 2025.

**SILVA, M. A. da; OLIVEIRA, J. P. de; SOUZA, A. C. de.** Condutas terapêuticas utilizadas no manejo da dor em oncologia. Revista de Enfermagem Oncológica, v. 12, n. 3, p. 45–52, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505750945013>. Acessado em: 1 maio 2025.

**SOUZA, M. C. de; WERNER, M.; SOUZA, B. R. C. de; ROSA, J. R. da.** A eficácia das terapias integrativas e complementares oferecidas pelo Sistema Único de Saúde para o alívio da dor oncológica: uma revisão sistemática. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, v. 10, n. 13, p. e537101321580, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21580>. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/21580>. Acessado em: 5 maio 2025.

**TAVARES, A. T. A. et al.** Manejo da dor oncológica pela equipe de enfermagem. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 11, p. e472101119854, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i11.19854. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/rsd/article/view/19854>. Acessado em: 20 set. 2025.

**XAVIER, L. M.** A importância de práticas integrativas e complementares no tratamento de pacientes com câncer. Enfermagem Brasil, v. 20, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/4>

[379](#). Acessado em: 04 nov. 2025.